

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todas as pedidos de assignaturas e matérias
avulsas : em Portugal ao sr. David Corazzi, 42, rua
da Alameda, Lisboa ; e no Brazil, ao sr. José de
Mello, 34, rua da Quitanda Rio de Janeiro,
Paris de outubro a Paris, 1 febre.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 14

PARIS 20 DE JULHO DE 1889

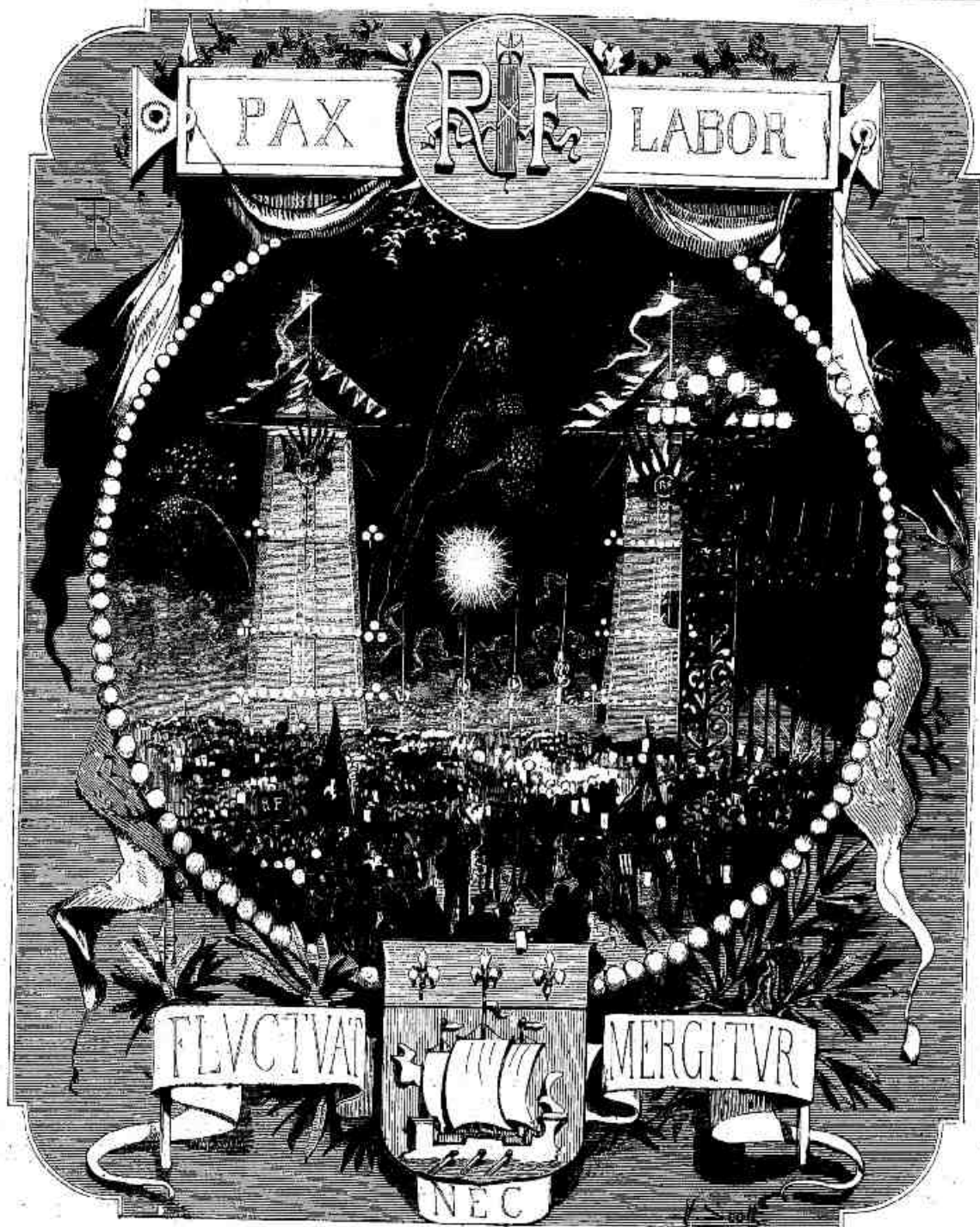
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (CARTAS) L. E. T. E. S. D.	22.000	Reis.
SEMANAL (CARTAS) L. E. T. E. S. D.	6.000	—
ANNO (PROVINCIA)	14.000	—
AVULSO	500	—



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS FESTAS. — ILLUMINAÇÃO NO BOSQUE DE BOLENNES.

CHRONICA

O PAVILHÃO PORTUGUEZ

QUANDO em Março d'este anno, nas columnas do *Século* e nas paginas dos *Pontos nos II*, ao lado de Bordallo Pinheiro, nós punhamos *QUANDO* para todas as conveniências pessoas que nos tinham prendido até ali, para só olharmos para os interesses de Portugal, e encavamos em campanha contra o modo ridiculo e inepto como o sr. de Melicio, jornalista sem ideias, industrial sem industrias e visconde de hontem para cá, estava organisando a representação de Portugal em pleno Campo de Marte, depois das mil e uma neopias praticadas na famosa exposição da Avenida, — muita alminha de Deus que arranja a sua mediocridade pelas corredores de São Carlos, nos trauos de invejosos, e ainda mais... de *culminadores*!

Houve mesmo um jornal, que no mais necesso da campanha, quando nós dizíamos que era um insulto feito ao país, ver o sr. visconde *aristocrate doublement journalistique*, como se fez chamar no *Guide bleu du Figaro*, fingindo-se talvez descendente dos Latines ou dos Marilvaes! ver o sr. Visconde dispor de *noventa* contos para mostrar a sua industria em Paris, enquanto o governo não dava cinco reis, nem para uma exposição agricola, nem para uma exposição colonial; — houve mesmo um periodico que se indignou por ver « quem ainda nada tinha feito », estar criticando tão duramente « quem já havia feito alguma coisa ».

Isto traduzido em miúdos queria dizer: — « O sr. Mariano Pina, que ainda não fez nenhuma exposição, não tem o direito de criticar o sr. Melicio, que já fez uma exposição na Avenida! »

Imagine o benevolento Leitor que o seu sapateiro lhe traz um par de botas; que as botas não só lhe não servem, mas tambem não estão ao seu gosto; que o benevolento Leitor começa a dizer mal do calçado; que o reousi; — e que o sapateiro lhe diz:

— « O sr. que nunca fez um par de botas, não tem o direito de dizer que estas botas estão mal feitas! »

Ou antes:

Imagine o benevolento Leitor que o submettem a tortura de ler um livro de philosophia e litteratura do mestre philosopho Cunha Seixas; que ao cabo da segunda pagina se sente atacado por terriveis náuseas; que ouso dizer aos seus allegos que esse livro é horroroso e essa philosophia mais difficil de tomar, que um litro de óleo de fígado de bacalhau; e que lhe respondem:

— « O sr. que nunca fez um livro, não tem o direito de dizer se este que está lendo é bom ou mau! »

O que o benevolento Leitor responderia n'esta circumstancia, tambem eu poderia ter respondido ao jornal a queallid, e cujo redactor em chefe aliás muito prezo e admiro.

E ainda podia responder: — que tendo visto varias exposições em Paris, uma exposição universal em Amvers, outra em Amsterdam, outra em Barcelona, e uma exposição italiana em Londres, me parecia ter elementos bastantes de critica para considerar como patacoada a exposição industrial portugueza, que o sr. *Aristocrate doublement journalistique* organisou na Avenida da Liberdade...

E mais ainda podia responder: — que o jornal em questão não podia saber se eu era ou não capaz de fazer uma exposição, atendendo a que ainda nenhum governo do meu país praticou a loucura de pôr a milha disposição os inextinguíveis cofres do Thesouro, como o havia feito (com loucura demasiada) com o superacido sr. Visconde.

E ainda mais podia responder: — que o sr. Melicio para organisador mór de exposições, se havia recomendado ao governo pela sua qualidade de *directeur propriétaire de jornal*. Ora essa profissão tambem eu exerceo. Somente os resultados que cada um de nós obtém, e que são differentes: — porque o sr. Melicio possui um jornal sem leitores, enquanto que este que

eu dirijo conta alguns milhares de assinantes...

A mim as arcas do Thesouro!

Isto dito de passagem, e sem a mais leve sombra de ressentimento ou de rancor, attendendo a que não ha maior asneira n'esta bola sobre a qual formigamos e apodrecemos, do que uma pessoa zangar-se ou affligir-se com as tolices ou as injustiças que praticam os seus semelhantes; — isto dito de passagem, parece-me que é do meu dever convidar aquellos dos meus contemporaneos que me trataram de *inveioso* e de *culminador*, a visitar o Pavilhão portuguez do qual d'Orsay, e a comparar essa exposição agricola e colonial com a triste exposição das industrias portuguezas no Campo de Marte, organisada pelo *aristocrate doublement journalistique*, que na rua de S. Francisco se chama Visconde de Melicio.

Ha cinco mezes dizio eu nas columnas do *Século* que nós só deviamos apresentar no Campo de Marte as riquezas da nossa agricultura e as riquezas das nossas colonias; que um país que exporto por anno cerca de 10 a 15:000 comos de vinho, e que basileia toda a fozga da sua politica externa no vastidão dos seus dominios d'Africa e Asia, — só devia mostrar á Europa o que são os seus vinhos, e o que são as suas colonias, além de productos typicos da industria puramente nacional, e não das industrias que nós assimilamos das industrias estrangeiras.

Isto que devia entrar pelos olhos de todo a gente, pateceu a principio um *abismo* e até um *culminia* — para não desgostar o sr. Visconde de Melicio, soberano padroeiro das especias de botões, dos quadros em missanga e en cortiga, e de todos as armas reais portuguezas, em cidrao e trouxas d'ovos, que saem das mãos dos contedores de Lisboa.

Mas a verdade proclamada nas columnas do *Século*, apoiada nas paginas dos *Pontos nos II* pelo terrivel e delicioso lapis de Bordallo Pinheiro, e apoiada depois por titulos ou por quasi todos os jornais de Lisboa — foi-se infiltrando... infiltrando... pelas chamadas « regiões officiaes » — e a ultima h. eu chamou-se a Real Associação de Agricultura de Lisboa, a Delegação Vinicola do Norte, a Associação Commercial do Porto, o Museu Colonial de Lisboa e a Sociedade de Geographia de Lisboa, para collaborarem n'uma exposição agricola e colonial em Paris.

E chamou-se Raimundo Bordallo Pinheiro, o autor das maravilhosas fuyanças das Culturas da Rainha (do que tão pouco caso parecia fazer o nosso *Aristocrate doublement journalistique*) — para instalar essas nossas secções no Quai d'Orsay.

E no dia 10 de julho corrente abriu-se o Pavilhão portuguez, que na vespera havia sido visitado pelo Presidente da Republica, que não poupo elogios aos organisadores da secção vinicola e da secção colonial, e a Bordallo Pinheiro pelo maravilhoso phareo das suas decorações, e pelos variados primores das suas bellas e deslumbrantes fayanças. E no dia 10 de julho, para cima de 3:000 pessoas, portuguezas e brasileiros de passagem em Paris, commissarios estrangeiros junto da Exposição, jurados francezes e estrangeiros das varias classes, membros da imprensa franceza e estrangeira, artistas e homens de letras portuguezas, brasileiros e francezes — para cima de 3:000 convidados percorreram as diferentes salas do Pavilhão, maravilhados com a installação, maravilhosos com a riqueza da nossa exposição de vinhos, de fayanças, de azeites, de cortiça e de bibelots e artigos coloniales.

Em duas grandes mezas, uma collocada no rez-do-chão do annexo, outra collocada na sala do comitê no primeiro andar, serviam-se aos convidados doces chegados expressamente de Portugal. Os nossos bellas vinhos do Porto, Madim, Carcavellos, Colares e Bucellas causavam as delicias dos francezes e dos estrangeiros. Só se ouviram palavras de admiração e de elogio, pela brilhantissima exposição que se inaugurava n'aquelle dia, e que era uma tão bella amostra da riqueza e do phareo do nosso Portugal...

E alguns portuguezes illustres que tambem all se achavam — velhos descendentes de exposições

portuguezas, e do bom gosto e do sentimento artistico da nossa geração, apoiados n'esta ordem de ideias por anteriores fiscos nossos, dentro e fóra de Portugal, — eram os primeiros a applaudir os organisadores d'essa exposição, e a abraçar Bordallo Pinheiro pelo successo que elle acabava de obter em Paris, e que tanta honra vae trazer para o nome portuguez...

E em quanto tempo se fez tudo isto?... Em menos de trez mezes!...

Em abril e maio convidaram-se os agricultores portuguezes a concorrer á Exposição de Paris; collocaram-se e catalogaram-se os productos; metteram-se a bordo do Africa, que subiu a barra de Lisboa a caminho do Havre; enquanto Bordallo Pinheiro procurava em Lisboa e Porto elementos essencialmente portuguezes para a ornamentação do nosso pavilhão. E durante o mez de junho Bordallo ornentava um pavilhão que occupa uma superficie de 300 metros quadrados, com rez-do-chão, 1.^o e 2.^o andar, e mais um annexo de cerca de 300 metros quadrados, rez-do-chão e galeria, — começando a trabalhar ás cinco horas da manhã e terminando o seu dia ás 8 e 9 horas da noite!...

E n'uma semana os representantes das varias secções do Pavilhão — os Srs. Gerardo Augusto Pery, Carlos Pinto Coelho de Castro, José Guilherme Macieira, Carlos Campos, Julio Palmeirim (Real Associação de Agricultura), Visconde de Villar d'Allen (Delegação vinicola do Norte), John Andersen Junior, Gutreiro Ribeiro (Associação Commercial do Porto), Luiz d'Andrade Corvo e Lezama (Museu Colonial de Lisboa) catalogavam e installavam todos os artigos dos expositores de Portugal e das colonias, expositores cujo numero é superior a 2:000!...

E' em face d'este colossal e patriótico efforço, tão nobremente e tão generosamente coadjuvado pelo actual governo e pelo seu fiscal o sr. Mariano de Carvalho, que eu pergunto agora aos que por dizez das costas me chamavam *inveioso* e *culminador*, o que fez o sr. Visconde de Melicio, durante nove mezes, que se possa comparar ao trabalho, á actividade, ao patriotismo de que deram prova durante trez mezes as pessoas a que acima alludo?... Que novidades veio mostrar a Paris, além dos productos da industria portugueza que havia recolhido na Avenida? O que é que fez? Em que consunuiu nove mezes, como commissario geral de Portugal?

Querem uma amostra d'essa tal actividade e d'esse famoso talento do sr. Visconde de Melicio, para organisar um exposição de industrias portuguezas?... Ora olham:

Todos sabem que a arte typographica em Portugal tem attingido uma grande perfeição; e se nos faltam impressores de gravura, temos em compensação magnificos impressores de texto. Basta ver as bellas edições da imprensa nacional de Lisboa; da casa Castro e irmão; da casa que editou ultimamente os *Versos* de Bernardim Ribeiro, prefaciados por Xavier de Gusmão, e cujo nome agora me não occorre; e das diferentes impressas do Porto, donde saem livros primorosamente impressos.

A typographia portugueza podia obter facilmente uma *primeira medalha* em Paris. E' uma das industrias mais florescentes de Portugal. Pois não só não temos um jurado portuguez para defender n'essa classe os interesses dos nossos impressores, mas até no catalogo official da Exposição, na classe de trabalhos typographicos, só figuram *quatro* nomes de expositores! E são os seguintes:

- Lallemand, de Lisboa
- Zellerio Rodrigues
- João Felix Pereira
- e Mendonça e Costa (*Gazeta dos Caminhos de ferro*)!!!...

Já vêem que tenho razão para me orgulhar e me não arrependo da campanha que encetei em março, nas columnas do *Século* e dos *Pontos nos II*.

Custa-me ser desagradavel seja com quem for. Mas acima da validade do sr. Visconde de Melicio, parece-me que ha coisa mais digna de respeito — o bom nome de Portugal!...

MARIANO PINA.

ATRAVEZ DE PARIS

Com este título começamos hoje uma série de crônicas quinzenais, d'um primoroso prosador que se occulta sob o pseudonymo de Gless. O chronicista parisiense que ha de ser da maxima pontualidade com o nossos leitores. E a que sinceramente desejamos, porque Gless é um escriptor brilhantissimo, possuidor d'uma verba e d'uma phantasia raras entre os modernos prosadores portuguezes, quasi todos os melancolicos, ou melancolicos, ou plangentes... Somente, que Gless temo castidade com a natureza, porque a Verba e a Phantasia podem trahirlo. E se gostar de reborear os prazeres do mysterio e da intriga, cantella com ellas... Abais resistido, e as assignaturas da Illustração gritado: em com: Ju te comas, le te comas, bentu monque... **aquele... N. N. da R.**

A ILUSTRACÃO

E A EXPOSIÇÃO DE PARIS

Queríamos no presente numero apresentar uma gravura representando a fachada do **PAVILHÃO PORTUGUEZ**

do **Quai d'Orsay**, onde se acham installadas as nossas magnificas exposições de artes, pinhos, liceos, antigas colonias, e as usavilhosas favelas de

R. BOMBALICO PINHEIRO

que tamanho successo estão obtendo na grande Exposição.

Somente, o nosso desenhador não teve tempo bastante para terminar uma outra pagina, representando

AS SALAS DO NOSSO PAVILHÃO,

essas salas tão esplendidamente ornamentadas com coisas portuguezas, graças ao talento artistico e a grande originalidade de Borsalio. E desejando dar gravuras completas — não só numero — da brilhante exposição portugueza, reservamos para

O PROXIMO NUMERO

a publicação d'essas curiosas gravuras.

Por ahí poderá ver o publico portuguez de quanto foi capaz Borsalio Pinheiro, e que importancia tem a nossa exposição agricola, graças a preciosa e patriótica cooperação da Real Associação de Agricultura de Lisboa; da Delegação Vinicola do Norte, e da Associação Commercial do Porto, representadas em Paris pelos Excmos. Srs. Gerardo Augusto Pery, Carlos Pinto Coelho de Castro, José Guilherme Macieira, visconde de Wilhar d'Alain, John Andersen Junior, Mathieu Lugan, e J. M. Oliveira Ribeiro.

Por ahí poderá ver o publico quanto era justa a campanha em favor da nossa agricultura, sustentada nas columnas do Seculo pelo nosso director Mariano Pina, quando em março deste anno elle proveu que se estava sacrificando a nossa verdadeira representação em Paris, a vaidade, a falsa industria, e a incapacidade do sr. visconde de Meliaio.

Ficam portanto, para o proximo numero, as gravuras que hão de representar interior e exteriormente

O PAVILHÃO PORTUGUEZ

Quando a nossa secção industrial no Campo de Marte, organizada e installada pelo sr. visconde de Meliaio e seus collaboradores, basta ver em que termos a ella allude o nosso collega O Tempo, de Lisboa, em telegramma de Paris, publicado no dia 5 de julho:

« A nossa exposição industrial é muito menos que mediocre. »

Tal é a opinião franca e desassombrada do jornal de que o director Carlos Lobo d'Avila.



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS GRANDES FESTEIOS.

A NOSSA primeira pagina representa o aspecto da entrada do Bosque de Bolonha, n'uma das ultimas illuminações e festas campestres, dadas em honra dos commissarios e expositores francezes e estrangeiros. Paris tem o segredo das grandes festas publicas, — e a nossa gravura dará bem uma ideia ao publico portuguez o brasileiro, das maravilhas de illuminação e de decoração que se podem admirar apenas se transportarmos as grades do Bosque de Bolonha.

Decididamente a Exposição de 1889 ficará na Historia como um dos mais extraordinarios acontecimentos do nosso século, e será o mais bello de todos os espectaculos que a nossa geração será dado assistir.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A VIAGEM DO TENENTE RUSSO ASSEEFF.

A Exposição exerce cada vez mais sobre o mundo a sua irresistivel atracção. Todos os dias chegam a Paris representantes dos povos mais desconhecidos e mais afastados, o o registro do *Figaro* da torre Eiffel recolhe os nomes mais extravagantes, por exemplo: — Bukader-Abdum, Amahlu Djang, Modé-Gissé, Lakuen-N'Dali...

Mas de todos estes visitantes exóticos, o mais festivo é sem duvida o sr. Miguel Asseeff, que acaba de atravessar a Europa a cavallo, para vir visitar a Exposição de Paris.

Que odysseia! e para melhor a comprehenderem, transportem-se pelo pensamento a reunião de officios da cidade russa de Lushy, no governo de Poltava. E' a noite. Falla-se dos maravilhas da Exposição de Paris; da immensa viagem que é preciso fazer, para chegar ás margens do Sena... Um mappa da Europa está presente; segue-se com a vista o trajeto; primeiro os steppes depois as planícies da Polonia; depois a infundavel Silesia, e os montes da Bohemia, e a Baviera; toda a Alemanha; e só depois, para além do Reno, é que se vê a França.

— O meu cavallo atravessava tudo isso n'um mez — diz um official.

— O seu cavallo rehentava a meio do caminho e o senhor também... O seu cavallo, que loucura!

E a discussão anima-se; fazem-se apostas: um fio de seda sobre o mappa indica a linha recta, a linha a seguir, os cabalos exultam-se; o que não passava d'um sonho torna-se n'um projecto; calculam-se as probabilidades de bom exito.

No dia seguinte discute-se o caso; o coronel, consultado, submete-o ao ministro; o ministro falla ao Czar; o Czar toma interesse pela aventura; e é impossivel recuar. O tenente Asseeff põe-se a caminho...

Lera consigo os seus dois cavallos Diana e Vlagar; enquanto monta um, o outro segue-o, descompanho, parando por vezes, para pastar alguma herba á beira da estrada, e ganhando em seguida a galope o avanço que tomou o companheiro.

Os tres primeiros dias foram a passo; no quarto dia caminhou a tote durante cinco minutos em cada meia hora; depois, a velocidade foi augmentando, e chegou á marcha regular de onze kilometros por hora...

O tenente Asseeff conseguiu assim conservar os animos de perfeito saude. Nas paragens tratava-lhes da razão vigiando para que a razão do covado e fenn fosse sempre igual. Depois informava-se do caminho que devia seguir no dia seguinte, das paragens possiveis, das difficuldades que haveria a vencer. Duas vezes os cavallos tiveram de ser ferrados. Muitas vezes ao ter de atravessar um rio, perdia um e duas horas em procura d'um vau; outras vezes o caminho era tão montanhoso e perigoso que era preciso voltar para traz.

E foi assim que o infatigavel sportman percorreu a Europa. Como estes cavalleiros phantasticos de

que fatham as velhas lendas da Alemanha, assim o vieram atravessar, os dois corceis a galope, os aldeas perdidas da Polonia e da Silesia; depois as antigas e pittorescas cidades da Bohemia, sem se demorar um instante. Chegou depois ao Reno, atravessou o Luxemburgo diante dos burguezes-espanhados, e entrou em França, por Longrey. Na tarde do dia 30, viu do Livry, no horizonte, a silhueta da Torre Eiffel... o almejado fim!

E chegou finalmente a Paris, depois de ter andado trezentas e trinta e nove horas a cavallo...

Parece-nos que os nossos leitores hão de gostar de conhecer a physiognomia d'este arrojado e sympathico official russo.

EXPOSIÇÃO DE PARIS.

A VIAGEM DO SR. LCEWY, NO CARRO 653, DE VIENNA A PARIS.

Percorrer de trem a enorme distancia de 1:250 kilometros, e fazer assim em vinte e um dias o enorme trajeto que separa Paris da formosa capital da Austria, tal é arrojado originalissimo que acaba



MORITZ LCEWY

de praticar um dos nossos collegas da imprensa viennoesa — o sr. Lcewy.

O sr. Lcewy faz parte do redacção do *Extrablatt*. Saindo de Vienna no dia 1 de junho ao meio dia, para vir ver a Exposição Universal, e chegou a Paris no dia 22 de junho, ás dez horas e meia da manhã.

Foi o cocheiro Edelmann que conduziu o jornalista durante esta longa viagem. O trem de que se serviu tem o numero 653.

Muitos membros da imprensa parisiense e estrangeira, entre os quaes se achava um representante da nossa Illustração, foram esperar aquelle jornalista ás portas de Paris. Este nosso collega austriaco é um homem de trinta e tantos annos, baixo, e correcto. Vinha em costume de *fourniste tyrolex*. Estava um pouco queimado com estes vinte e um dias de viagem, tendo descansado em cinquenta ou



EDELMAUN

sessenta cidades e aldeias austriacas e francezas. Atravessou certas regiões extravagantes, onde olhavam para o viajante e para o cocheiro como se fossem creaturas d'um outro mundo. Em Strassburgo uma medonha tempestade lá dando cubo do carro. De cada paragem, o sr. Lcewy escrevia um artigo para o *Extrablatt*, e todos formam vinte capitulos d'um volume interessantissimo.

O cocheiro é um bello typo de cocheiro viennoese. Não sabe uma palavra de francez.

Quando o sr. Lcewy chegou ao pavilhão da Im-



MIGUEL ASSEEFF, TENENTE DE DRAGÕES RUSSOS, COM *Diana e Viaga*, cavallos de tropa, veio de LUDNY (POLTAVA) A PARIS, EM 30 DIAS.

prensa, no Campo de Marte, dentro da Exposição, foi calorosamente aclamado por todos os jornalistas e mais pessoas presentes.

Foi-lhe depois offerecido um almoço, para o qual também foi convidado o cocheiro.

Foi a mesma parelha que sabio de Vienna, que conduziu a Paris o sr. Lowy. Os cavallos não traziam mais do que a pelle e o osso...

Offerecemos a ideia d'uma viagem identica a Paris, a algum amator de excentricidades, que por acaso haja em Lisboa. Com um dos nossos *batedores* de Cintra, talvez deixassemos a perder de vista a aventura do cocheiro viennense...

O CENTENARIO DE 1789 EM NOVA-YORK

Não é só Paris que acaba de celebrar o centenario d'essa data gloriosa para a historia da França e da Humanidade.

Tambem Nova-York celebrou nos dias 29 e 30 de abril e 1.º de maio fados a gloriosa data de 1789, que é o centenario da eleição do Washington a primeiro presidente dos novos Estados-Unidos



MIGUEL ASSEEFF

da America, — o grande cidadão a quem a America do Norte deve a sua independencia. Foi no dia 14 de abril de 1789 que o Congresso reunido em Nova-York o elegeu presidente. E como n'esse tempo ainda se estava longe da viação accelerada e dos prodigios dos caminhos de ferro e do telegrapho, — consummaram-se quinze dias em participar os resultados da eleição a Washington, e em este fazer a sua viagem até Nova-York, n'uma velha carriola que ainda hoje existe n'um museu da America, e que figurou no ultimo cortejo civico. Washington entrou em Nova-York no dia 29 d'abril.

Mais de trez milhões de curiosos affluiram á capital para assistir aos festejos do centenario. A parada naval obteve um enorme successo, com o manobrar de 1700 navios de todos os generos, navios de guerra, vapores d'aliandega, navios especiaes da policia da bahia, rebocadores, yachts a vapor, yachts com velas, veleiros do commercio, immensos *ferry-boats* e barcos de transporte e de excursão, todos armados com milhares de bandeiras de todas as nações, e manobrados com immensa maestria, desde *Elisabeth-port* até ao pé de *Wall Street*, justamente



MORITZ LOWY, REDACTOR DO *Extrablatt*, veio de VIENNA A PARIS EM 21 DIAS, CONDUZIDO POR EDELMANN, COCHEIRO DO CARRO 652.



1. O 7.º Regimento N.º 7. — 2. Faleto novel na baía de Nova-York. — 3. Edifício de Washington no Union Square. — 4. Corro «Arion» na patada da Fila. — 5. Baile na Grande OM.

O CENTENARIO DE 1789 EM NOVA-YORK.

debaixo da colossal ponte de Brooklyn, donde mais de 60.000 curiosos contemplavam este espectáculo verdadeiramente unico no mundo.

Tambem se realizou uma grande revista de 52.000 homens de tropas de todos os Estados da União e 75.000 pertencendo a todas as indústrias americanas simbolizadas por carros d'uma riqueza extrema. E á noite um banquete de 820 milhares reunia na sala da Opera todas as autoridades federaes, e os governadores dos diversos Estados, acclamados de dia á frente das suas respectivas tropas.

EXPOSIÇÃO DE PARIS — BELLAS-ARTES

"O Flo da Virgem"

Diz assim uma antiga romanza franceza, que nos acudio á memoria ao depararmos no palacio de Bellas-Artes com o delicioso quadro de H. Lucas.

*Pauvre fil qu'autrefois ma jeune rêverie
Naïve enfant
Croyait abandonné par la Vierge Marie
Au gré du vent...*

A divina creatura que estava flando, fatigada com o trabalho d'um dia inteiro, procurou a frescura da tarde sobre o terraço donde se avista uma risonha paisagem do Oriente. Adormeceu... Sobre os montes que se esbatem no crepusculo, a lua ergue-se, e sobre o universal silencio que se estende todos os lados. Algumas andorinhas vieram pousar na roda, para buscar fios de linho com que apanhar os ninhos. E os fios espalham-se e fluctuam no ar tepido; e o vento leva-os para longe...

*Pauvre fil
Viens-tu de Bethléem, la bourgade bénie?*

continúa ainda a romanza.

E na nossa memoria a romanza vai surgindo, á proporção que olhamos para o poetico quadro que o pintor executou com tanta graça e tanto talento, — quadro que é um dos mais apreciados na exposição do Campo de Marte, por entre as bellas telas dos mais modernos pintores francezes.

Consequentemente iremos mostrando aos nossos leitores outros quadros em exposição nas galerias do Campo de Marte, — sendo as reproduções pela gravura todas confiadas ao illustre artista que se chama Ch. Baude, e ao qual a ILUSTRAÇÃO deve as suas mais brilhantes paginas.

EXPOSIÇÃO DE PARIS — A HISTORIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

Terminamos hoje a magnifica collecção de gravuras executadas sobre bellos desenhos de M. Berthelet, e na qual os nossos leitores poderam admirar todos os primores architectonicos que M. Charles Garnier, o celebre architecto da grande Opera de Paris, construiu nas proximidades da Torre Eiffel, sob o titulo geral da *Historia da habitação humana*.

Bem sabemos que a obra de M. Garnier foi muito discutida e muito criticada por varios architectos francezes, e que ainda ultimamente na *Revue scientifique* se fallava com certo azedume do sr. Garnier, considerando a sua Historia mais como um brinquedo para adultos, do que como uma lição de architectura comparada.

Isto não impede que a collecção architectonica do sr. Charles Garnier não receba os applausos e não seja objecto de admiração de todos quantos visitam o Campo de Marte.

Na presente gravura merece especial menção a casa árabe do seculo XVI; e dellosa casa chinezã, admiravelmente ornamentada no interior; e as habitações dos *azteques* e dos *incas*.

•••

Com esta gravura da historia da habitação temos terminada uma das mais interessantes visitas á Exposição de Paris.

Vamos agora procurar assumpto para outro lado, que assumpto não falta, e do mais bello, e do mais curioso.

O que sentimos deveras é que o nosso jornal em vez de duas vezes por mez, não saia quatro vezes, — para assim darmos saida a todos os curiosos assumptos e gravuras que sempre nos ficam de lado. Mas isto não depende de nós, — depende da vontade dos nossos assignantes.

Que elles nos digam se querem a ILUSTRAÇÃO tres ou quatro vezes por mez, e logo satisfaremos o seu desejo!

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O THEATRO ANNAMITA.

A critica dramática parisiense assistiu ultimamente na Esplanada dos Invalidos á primeira representação do *Roi de Duong*, com o mesmo interesse, ou talvez com maior interesse, com que assistiria a uma primeira representação d'uma peça de Augier ou de Dumas filho.

Não se riem, e não duvidam do que lhe dizem... Uma critica profissional, tendo a comprehensão exacta da sua missão, não poderia proceder d'outra modo.

O theatro annamita era uma revelação para a Europa, e é muito mais curioso saber como é que os povos do Extremo-Oriente comprehendem a arte dramatica, a quasi são os processos para fazer vibrar um publico da Asia, do que ver mais uma peça dos nossos actores europeus, onde de novo se repetiriam todos os trucs e todas as ficellas conhecidasissimas.

A primeira representação do *Roi de Duong* pelos actores annamitas, foi pois acolhida com grande curiosidade pela critica parisiense, ávida de novas sensações.

O espectáculo é dos mais imprevisíveis.

A representação começa por um barulho infernal de tam-tam, de gongs, de trombetas, e de ferros... Abre-se um reposteiro, e um homem — um monstro de mascara impoivel, e de longas barbas — precipita-se sobre a scena. Não berra, uiva; não gesticula, contorce-se; e enquanto procura dominar com a voz o barulho da orchestra infernal, o bamba faz-se ouvir, melancolicamente xurrido por um passante selvagem.

Um segundo personagem apparece; e são as mesmas contracções, os mesmos uivos, — enquanto um cortejo atravessa o palco, agitando bandeiras e guardasões chinezes, d'uma riqueza deslumbrante... Depois assiste-se a uma batalha, lanças que se agitam, e grandes sabres recurvos que cortam as cabeças dos mascarados pinçados. Os cadáveres enchem a scena, o barulho infernal augmenta, um grave contrarregem de toca preta avança para a bocca do palco e solta algumas palavras. E' o entreacto.

E enquanto o publico parisiense que invade a sala, acha o espectáculo horrivel e ri do drama e dos actores — o pittoresco publico dos filhos da Asia, que povoa agora a Esplanada dos Invalidos, segue com avidez, com emoção, e no mais religioso silencio, as extraordinarias aventuras do bom rei de Duong, Ly-Tieng-Luong.

D'uma das scenas do drama tirou o nosso collaborador Adrien Marie o curioso desenho que hoje offerecemos ao publico.

ESPECTACULOS PARISIENSES. — O LIÃO E O CAVALLO E O CÃO

No magnifico recinto do *Hippodrome* parisiense, provincianos e estrangeiros admiram agora todas as noites o mais original e curioso espectáculo.

Trata-se d'um lião, ainda novo, mas já possuidor d'uma quizeada assas inquietadora, dotado d'um caracter muito pouco suave, e que executa exercicios da mais alta novidade.

O domador da fera ensinou-lhe a saltar sobre o dorso d'um cavallo na carreira, e a dar saltos e a fazer piruetas como se fôra um *deuxer* de profissão. Enquanto que um cão *danais*, igualmente adestrado, segue passo a passo o cavallo e o lião; e estes tres compunheiros, sob o olhar vigilante do habil domador, parecem ser os melhores amigos de toda a criação.

E d'este original e curiosissimo espectáculo que dá uma viva ideia do desenho do nosso illustre collaborador Adrien Marie, — espectáculo que por si só tambem constitue uma das curiosidades de Paris, n'este momento regurgitante de *touristes*.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — CABANA DOS KABYLES

O nosso desenho representa uma das mil curiosidades ethnographicas de que está cheia a esplanada dos Invalidos, onde todos admiram a maravilhosa Exposição colonial franceza.

E sobretudo o espectáculo preferido das senhoras e das creanças, esta variedade de aldeias indigenas, estas cobertas do Vestido primitivo da habitação, onde se vêem os mais interessantes exemplares da grande familia humana — exemplares chegados de todos os pontos do globo.

A aldeia dos Kabyles é um dos pontos que mais atrah a curiosidade dos visitantes.



A TRAVÉZ DE PARIS

As apresentações do estylo. — A necessidade d'um olho d'aquem e d'aquem mar. — A venda Secrétan. — Vinte milhões que mudam de burra. — Um leilão agitado. — Albert Wolff deita lagrimas. — O modo de utilizar um Regente. — Paul Bourget e o *Discipulo* — O leão do Hippodrome. — A *Tempestade*.

Julho 1889.

O MEU horror pelos preambulos embarga-me a penna no momento em que seria talvez decente dizer-lhes que convengo ao director da ILUSTRAÇÃO, (um homem bem amavel, por signal, não sei se « conhecem », encarregar-me de lhes contar em cada numero alguma coisa do que se passou em Paris desde o numero precedente. A terra não é tão fa il, como se julga, permitam-me esta vaidosa declaração. A dificuldade, aquillo a que eu, se fosse um erudito, chamaria eloquentemente o *busilis*, é operar na chusma dos acontecimentos que se atropellam e se confundem no espaço de 24 horas uma selecção habil, que permita eliminar tudo o que não possue senão um interesse local e privativo d'esta grande fabrica de surpresas e novidades que se chama Paris. A natureza das minhas funcções de chronista d'um jornal feito para ser lido longe de França condemnna-me pois ao artigo de exportação que nem sempre é de primeira qualidade, nem o que Paris produz de melhor; e é com um olho luso-brasileiro que eu tenho de vêr as coisas e descrever os factos. Tratarei pois de adquirir o mais cedo possivel aquelle órgão internacional, desconhecido dos oculistas, e procurarei quanto possivel afficção-o á missão de que me incumbio o homem amavel a quem me referi ha pouco.

O facto da quinzena, aquelle a quem pertencem as honras da chronica, é incontestavelmente a venda Secrétan.

Este sr. Secrétan, que tinha mais de 20 milhões de fortuna, um palacio das mil e uma noites, a mais bella collecção de quadros da Europa, e que d'um momento para o outro perde tudo isto n'um golpe de Bolsa, parece-me pouco interessante. Que andava elle a fazer n'aquella galera, como diria Geronte? Mesmo n'este instante do seculo, em que o mais ingenuo repólio está pela hora da morte, vinte milhões saclariam os cincoenta e tantos aperticos de Pantagruel, filho de Gargantua e da bella Badebec. E eu pergunto a mim proprio, sem conseguir responder-me satisfactoriamente, o que é que n'este planeta mercantil se não poderia comprar com tão redonda e mirabolante quantia, cuja offerta se elles vissemos hoje, faria vacillar Carão e deixaria Jeanne d'Arc pensativa.

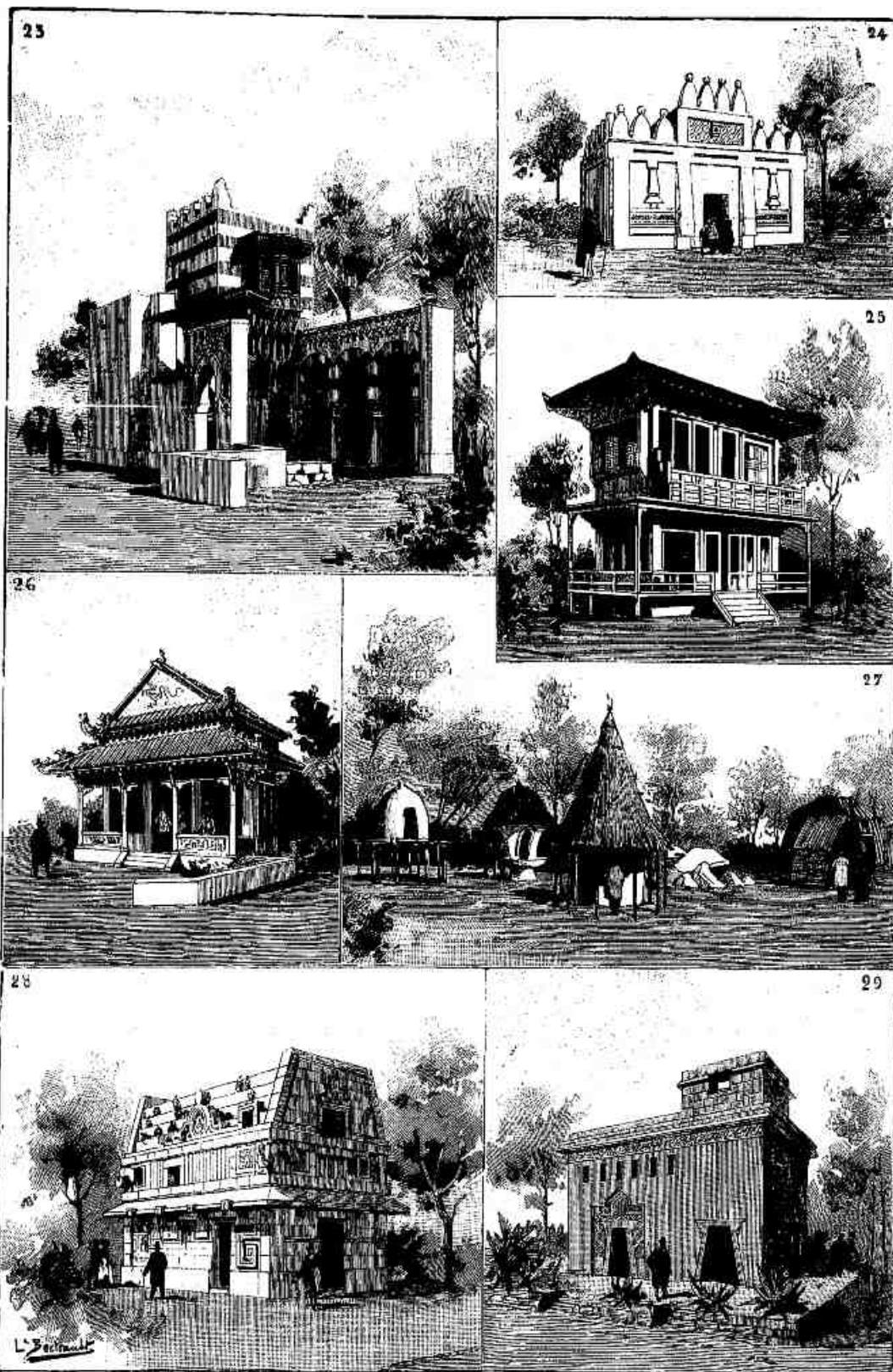
O sr. Secrétan não o entendem porém assim, e é precisamente n'isso que se differença um grande senhor da finança d'um reles plumeiro. A necessidade de possuir trinta milhões em vez de vinte pareceu-lhe impreterivel, e d'ahi resultado aquella phantastica concepção do monopolio do cobre e o *Krach* resultante. O tempo de dizer *ouf* e os vinte milhões do sr. Secrétan mudaram de burra. Ao passo que isto succedia, um *coulissier* executado semanas antes no *Krach* do Panama ganhava pouco mais ou menos outro tanto. Decididamente a Bolsa é uma grande instituição.

Eis pois dispersa aos 4 ventos a famosa collecção que era uma das maravilhas de Paris. Lembro-me de que uma vez, conversando com o conde Daupias, no seu magnifico palacio do Calvario, como eu me extasiava deante das ri-



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — BELLAS-ARTES. — O FIO DA VIRGEM — QUAIRO DE H. LUCAS.

(Gravura de Ch. Baudé)



23. Casa árabe do século XV. — 24. Casa muçulmana no Soudan. — 25. Casa japonesa. — 26. Casa chinesa. — 27. Cabanas dos Pelos-Vermelhos. — 28. Casa dos apóstolos antes de Fernando Cortez. — 29. Casa dos índios antes de Pizarro.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A HISTÓRIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

(Continuação do número da « Ilustração »)

quezas artísticas ali accumuladas, lhe ouvi a elle dizer, com um accento quasi desconsolado: « — Ao pé da galeria *Secordian*, isto é uma cabana de pescadores! » Oh!o amor d'ella e uma cabana assim! Como eu te comprehenderia então, ó Lomarine!

A perola d'esta collecção sem rival era como sabem o *Angelus* de Millet, que foi adjudicado por meio milhão de francos, mais uma pequena fracção insignificante que faria todavia a minha independência. Houve uma lucta vehemente em torno da obra-prima cubigada por uma formidável associação de creadores de porcos de Chicago, e um não menos alentado syndicato de expedidores de carnes frigoríficas, de Nova York, *limited*, que costumam arrematar por grosso a arte franceza, apesar dos 35 0/10 *ad valorem* com que a alfândega da mais livre republica do mundo collecta a referida arte á sua chegada ao continente estrellado.

O Louvre, por intermedio da loira e penteada pessoa do sr. Proust, ex-ministro, deu batalha ao porco vivo e aos sorvetes de bisão do Kentucky. O exíguo franco contra o corpulento dollar! Foi um brilhante recomeço, he? meus senhores!

Como sabem o dollar ficou vencido. Quando o sr. Proust lançou o seu estridente, bruto de guerra — 332 mil francos! — o bisão baixou a cerviz e o sr. Albert Wolf despenheu uma lagrima. Esta lagrima de Wolff, por elle engastado n'um *Corroin da Paris* e offerecido á contemplação do mundo, é uma das grandes faccías da estacção! Wolff commovido, oh minha mãe! Ginecento annos de vida alçada, de batota, de panadiga infame, pagam ter coragem contra as emoções delicadas este paradigma de sensibilidade. Pois não senhor; no momento psychologico, elle sentiu ao canto do olho *qualquer coisa de humido*, como se diz nos romances do sr. Ohnet. Foi a vez, e era uma lagrima! Eis aqui um homem bem conservado, e com glandulas para muito tempo ainda! Grande fariseu!

Importa-me pouco saber se o *Angelus* vale ou não o meio milhão, (além da fracção que me faria feliz); e se foi ou não uma loucura adquirel-o por tão alto preço. Conheço varios caueiros que estão a estas horas profundamente escandalizados e que vociferam contra o desperdício. Imobilizar o bistado vinte mil francos de renda em meio metro quadrado de lona listada pintorescos salafrazos admittem todavia que o Estado immobilize, não meio milhão, mas vinte na mais estapida e inutil coisa d'este mundo, n'esse monstruosidade mineral que se chama o *Regente*, bonzo inepte e ocioso que ha com annos vive a espremerharadissimas plurições n'um estufo de velludo, para grande pasmaceira dos inglozes de fato de quadradinhos, e para que os empregatiss encarregados de o exporem á boquabertura britannica se façam *leurs petites ventes* — como se diz na *Gran duqueza*.

Conhecem alguma coisa de mais idiota do que um grande diamante? E' a estupidez cristallizada, a obusidade em facetas, a bruteza feita pedra preciosa, boa para enfeitar cocottes ou para illuminar o peixinho de *pastagoueres*. Proponho que se venda em hasta publica o *Regente*, e que se comprem com os vinte milhões que elle produz os quarenta quadros de Millet que estão nos Estados-Unidos. Wolff será convidado para as differentes negociações, e encarregado de ensopear o seu lengo no momento psychologico.

Bouget fez mal em publicar agora o seu *Discipulo*. N'este colossal rumor de fôrça que se exala da Exposição, ameaça passar despercebido o seu novo estudo, o mais profundo, o mais minucioso, a que jamais se entregou este paciente illuminurista do coração humano. E' em toda a accepção da palavra um bello e forte

livro que convém ler devagar, pouco e pouco, pausando de vez em quando sobre a meza, repassando-o depois na memoria, recordando as phrases que nos feriram, e analysando os sentimentos que ellas acordaram em nós.

Eis o assumpto do romance em poucas palavras.

O philosopho Adriano Sixte, author do *Philosophia da Vontade* e de varias outras obras-primas de psychologia pessimista, tem um admirador profundo e um discipulo ardente na pessoa d'um joven professor que está encarregado da educação d'um estudante e que vive com a familia d'este. Essa familia compõe-se do paé, velho egoísta, da mãe, pessoa insignificante e passiva, d'um filho, capitão decavallaria, caracter franco e generoso, d'uma filha, modelo de innocencia e de candura, e finalmente do pequeno cuja educação está a cargo do professor. Este, em obediencia a theoria de que as paixões humanas são experiencias que convem estudar scientificamente, divertese em seduzir a pobre menina, para se offerecer a satisfação de consignar todos os dias n'um livro de notas as observações que lhe suggere esta aventura amorosa. Inteligente, de aspecto agradável, a victoria é-lhe facil. Uma noite, vê entrar no seu quarto a victima das suas experiencias psychologicas que se lhe entrega sob a condição de que, horas depois, morrerão ambos expliando a falta que commetterem. A noite passa naturalmente como um relampago, e quando o dia chega, o nosso homem recusa-se a cumprir o juramento feito. Desiludido, despedaçado de dor e de vergonha, a pobre fuge-lhe dos braços e mata-se, não sem ter contado n'uma carta ao irmão, ausente n'uma guarnição longiqua, o triste romance do seu amor.

O drama complica-se d'uma peripetia dramatica. O seductor é accusado de haver assussinado a menina, e todos os indícios o accusam do crime. Só o irmão da victima conhece a verdade e pode testemunhar a innocencia do réu. Mas fornecer tal prova é deshonrar a memoria da irmã; occultala, é deixar condemnar um homem materialmente innocente d'um crime, embora fosse o seu author moral. Ha aqui uma lucta de commoções que inspira a Bouget paginas sublimas. O sentimento de honra prevalece. A carta da suicida é communicada ao tribunal. O discipulo de Adriano Sixte é absolvido, mas ao sair da audiencia dá de rosto com o irmão da sua victima, que, com um tiro de revolver, lhe faz saltar os miolos — « Fize justiça! » — exclama elle.

Eis em poucas palavras este romance singular, extranho, violento, apaixonado, cuja leitura evoca a recordação d'um crime recente, o celebre processo Chambrigo, que deserto se não apaga ainda da memoria das nossas leitoras.

Um leão montado n'um cavallo é uma coisa que se não vê todos os dias, mas que actualmente se pode ver todas as noites no Hippodromo. Não lhes direi que seja um espectáculo tão suggestivo como um romance de Bouget e que se volte para casa, depois de o contemplar, com o espirito agitado ao choque de ideias profundas. Em compensação, tem-se uma surpresa, e já não é pouco por este tempo de coisas vistas que está corrente. Um leão vegadeiro, em carne e osso, com todos os attributos da realzeza, boa gaxta, bom dentar, juba espessa, olho sufficientemente feroz, a fazer habilidades d'equi-joyce e a furar arcos de papel em cima d'um paco corcel de circo — digam lá o que disserem, é um espectáculo bom para a digestão, nada attentatorio da moral publica, e por isso muito recommendavel aos chefes de familia forasteiros que queiram divertir suas filhas casadoiras. Ah! fica a reclamação que é de resto gratuita, palavra de honra.

Dos outros theatros de Paris, nada lhes direi, porque a quinzena finda, alem da qual me não

permittio irradiar, não trouxe outra novidade alem da *Tempestade*, bailado de Ambroise Thomas, assumpto extrahido da peça assim denominada d'um certo Shakespeare, de quem talvez tenham ouvido falar vagamente.

A musica é deliciosa e a *mise-en-scène* esplendida. Recomento-lhes um certo baixel, que se vê surgir das ondas no ultimo acto, e caminhar para o espectador, todo coberto de flammulas, com uma tripulação de mulheres lindissimas nas vergas, e cingido de grinaldas feitas de corpos semi-nus emvelaçados, que lhes guarnecem os flancos em festões e ora emergem, ora se escondem na espuma. E' de fazer suar o binoceito mais casto.

N. B. — Não convem ás meninas casadoiras.

GISS.



OS MORANGOS

UMA bafarada de ar fresco soprou-me no rosto, quando eu abri a minha janella por uma esplendida manhã de *cinco de junho*. A' noite houvera violenta trovoadas e agota o céu parecia novo, com o azul suave, lavado levemente pelo aguaceiro. O cimo das casas, as arvores, cujas elevadas ramagens appareciam por entre as chaminés, estavam ainda lavadas de chuva, e este pedaço do horizonte que eu abraçava com a vista, sorria aos doçorados beijos do sol.

Dos jardins proximos exhalava-se um agradável cheiro de terra molhada.

— Vamos, Ninon, põe o teu chapéu, filha... Vamos ao campo, disse eu muito alegre.

E ella bateu palmas de contente.

Em dez minutos vesti-se, o que é admiravel em uma coquette de vinte annos.

A's 9 horas estavam no bosque de Verrière.

I

Que discretos bosques! Quantas namoradas não tem passado alli horas felizes de amor! Durante todas as semanas as matas estão desertas, pôde-se andar á vontade, juatinho, braços enlaçados á cintura, os labios pedindo beijos, sem outro perigo que não seja o olhar da tontineira das balseiras. Altas e largas estendem-seas alamedas por entre as grandes matas: um tapete de mimosa relva alumbra o solo, onde o sol, coando-se pelos claros da folhagem, salpica palhas de ouro. Ha caminhos profundos, estreitos e sombrios veredas, em que é preciso andar-se unido; e ainda, massigos impenetraveis, onde pode a gente perder-se, se pipilam de mais os beijos.

Ninon deixava meu braço e corria como uma tontinha, satisfeita de sentir a herba roçar-lhe os arretinos. Logo voltava e descahia sobre o meu hombro, moiga e fatigada.

E o bosque continuava a espreiar-se, immenso oceano com ondas de verdura.

O silencio que assustava, a sombra viva caído das grandes arvores, estonteava-nos e embriagava nos com toda a seiva ardente da primavera. Torna-se a gente creança no mysterio da floresta.

— Morangos, morangos! gritou Ninon, saltando um fosso ainda como um cardealinho fugido, e esquadrinhando as moitas.

II

Ah, não eram morangos, mas moranguinhos, um vasto taboleiro d'elles que se ostentava debaixo do silvado.

Ninon nem pensava mais nos bichos que tanto modo lhe inspiravam.

Introduziu confiadamente as mãos por entre o mato, revistando folhas por folhas, desesperada, de não encontrar o menor fructo.

— Chegamos muito tarde, lograram-nos, disse-me elle, fazendo uns beicinhos de zangada... — Vamos procurar bem, ainda ha de haver alguns com certeza.

E puzemo-nos a procurar com uma consciencia exemplar. O corpo dobrado, pescoço inclinado, olhos attentos no chão, andavamos devagar, com passos miudos, cautelosos, sem arriscar uma palavra se quer, com medo de afugentar os morangos.

Esquecemos tudo, a floresta, o silencio, a sombra, as grandes aleas e os trilhos estreitos. Agora eram morangos, só morangos. A cada tufo que encontravamos, abaixavamo-nos e nossas mãos tremulas, tocavam-se por baixo das folhas.

Andámos assim mais de uma legua, curvados, indo ora para a direita, ora para a esquerda; porém nada de morangos, apenas soberbos morangueiros, com bellas folhas verdes escuras. Eu vi Ninon morder os beiços e seus olhos encheram-se de lagrimas.

IV

Chegamos em frente de uma larga escarpa, onde o sol caia a prumo, espalhando um calor pesado. Ninon approximou-se do talude, decidida a não mais procurar morangos. De repente deu um grito agudo. Eu corri assustado, julgando que ella se tinha ferido. Encontrei-a de cores; a emoção prostrára-a, e ella mostrava-me com um dedo, um pequeno morango do tamanho de uma pera e maduro somente de um lado.

— Apanha-o, disse-me com voz baixa e curiosa.

Assenhei-me junto d'ella, no sopé da escarpa.

— Não, respondi, apanha-o tu, não fui eu que o achei.

— Apanha-o para mim, sim?

— Não.

Tanto e tão bem me esquivel que, afinal, Ninon resolveu cortar com a unha o talo da fructa. Tivemos, porém, outra historia para saber qual de nós comeria essa fructinha que nos havia custado uma boa hora de trabalho. Ninon queria por força que eu comesse. Eu resistia, mas depois acabei por consentir e resolveu-se que o morango seria partido ao meio. Ella então levou a fructa á bocca, dizendo-me com um sorriso:

— Vamos, toma o teu.

Tomel o que me cabia. Não sei se a fructa foi repartida irmamente. Não sei mesmo se senti o gosto do morango, tão doce me pareceu o mel do beijo de Ninon.

V

A ladeira estava coberta de morangueiros e estes então eram bons.

Estendemos um lenço branco no chão, e jurámos solemnemente depositar ali tudo o que arranjássemos sem comar uma só fructa.

Todavia, em diversas vezes, quando vinha deitar os meus morangos no lenço, vi Ninon levar a mão aos labios.

Quando acabámos o trabalho decidimos que era tempo de procurar um canto de sombra para almoçarmos á vontade.

A alguns passos d'alli deparou-se-me um retiro encantador, verdadeiro ninho de folheto. O lenço foi religiosamente collocado ao nosso lado.

Oh! como se estava bem alli, sobre o musgo, na volúpia d'essa frescura verde! Ninon olhava com os olhos humidos. O sol havia-lhe roçado suavemente o collo. Vendo o meu olhar todo ternura, ella inclinou-se para mim, estendendo-me as mãos com um gesto de adorável abandono.

O sol, inundando de luz os altos arvoredos,

atirava a nossos pés lentejoulas de ouro sobre a macia relva.

As proprias toutinegras haviam emmolecido e velavam os olhos.

Quando procuramos os morangos para comemos, qual não foi o nosso espanto, vendo que nos tinhamos deitado mesmo em cima do lenço!

Emilio ZOLA.



NOVIÇA

(FOLHA SOLTA)

A ESTREITA janella da sua cella deixava justamente sobre a cerca do convento.

A cerca era um largo parallelogrammo coberto de herba de um verde muito intenso e muito vigoroso. Platanos verdadeiramente seculares elevavam com pompa a sua ramaria frondosa, castanheiros destacavam-se como velhos guardiões, de corpulencia pesada, os troncos magostosos e a folhagem de um escuro pronunciado; algumas laranjeiras mostravam a espaços bellas pomos amarellos, e entre este oceano compacto de vegetação antiga, macieiras em flor punham um discorde alegre com a extravagancia dos seus ramos phantasiosos. Em baixo, fetos vigorosos irrompiam da herba e completavam com a gramma parasita aquelle vasto recinto abandonado, dando-lhe um tom selvagem e inculto a par da tristeza que parecia subir pelas altas e humidas paredes que o circundavam.

Era em fins de abril. A manhã estivera formosissima, e agora mesmo no resto do dia corria uma bragem morosa, prenuncio do tempo quente. A tarde cahia n'uma serenidade encantadora.

Para além da cerca, por cima do arvoredos, o azul do céu tinha um colorido quasi diaphano, muito transparente, e estendia-se por toda a abobada; os montes retirados e uma ou outra arvore faziam no horizonte lavado uma *silhouette* profunda; muito ao longe, pequenas nuvens esguas e escuras faziam horizontalmente immoveis. Morcegos esvoaçavam e como que espicados batiam contra as janellas denegridas do convento. Ouviam-se trindades de passaros que se abrigavam, gorgendo contentes.

Perto d'alli, n'um charco, rãs coxavam n'um alarido confuso. Como um ruido agradável, ás vezes vinha dos campos o canto dos insectos que principiavam a apparecer.

Eram os unicos sons que cortavam apparentemente a paz da natureza, mas que o casarão sombrio e triste do convento tornava mais sensivel.

Elia estava por dentro da sua grade de ferro, encostando-lhe a cabeça mimosa toda concentrada n'uma *réverie* inexplicavel.

Fôra n'uma d'aquellas tardes tão serenas que ella o vira passar na grande avenida do Palacio, e n'esse dia fazia um anno certo que se tinham separado. Pobre rapariga!

Mas porque razão a metteram alli n'aquelle convento, dentro d'aquelles muros humidos e antigos, entre dez mulheres velhas e doentes? Por o ter amado?

A tia Genoveva essa é que tivera a culpa; chamára a Alberto um ateu, um perdido, um devasso. Que não! mil vezes a morte... tal casamento...

Exposera a tia a ideia do convento: «a rapariga não deve andar assim; ás duas por tres péde fugir... e depois quem paga as favas somos nós. E' mettel a em logar seguro» — dizia. A mãe approvára.

Então forçada, violentada, foi mandada entrar para o convento, e ella alli estava só, sem o seu querido Alberto.

Os olhos humedeciam-se-lhe; pequenas lagrimas cahiam pelas suas faces pallidas e um ligeiro suspiro alicava-lhe as ondulações suaves dos peitos. Inclina-via então a cabecinha sympathica, e erguia os olhos rasgados para os mysterios infinitos do azul celeste, na esperança de um conforto divino.

O socego completo da tarde, aquella calmaria da natureza, vinham dar azas á sentimentalidade do seu coração, e ao lyrismo d'aquella paixão tão natural.

Veio para dentro, e de joelhos ao pé do seu pequeno leito de ferro, voltou-se para um crucifixo de metal em que um Christo exhibia as suas formas esqueléticas.

Tinha esperança no seu Deus, resava-lhe todos os dias muito, enchia-o de beijos, punha-se a olhal-o indefinidamente, sorria-lhe, e a sua imaginação exaltada fazia-lhe ver o Christo descendo da cruz, em tamanho natural, todo coberto de chagas e todo bondade, a vir fallar-lhe do seu amor, d'ella, da sua felicidade, do seu Alberto. Depois a febre passava, e o Christo lá ficava immovel na sua pequena cruz, pregado como tres pregos ordinarios, entre as suas pequenas mãos de mulher adoravel.

De joelhos, estendeu-lhe os braços a evocarlo; sahiam-lhe muito tornados, muito brancos, de dentro das suas largas mangas de panno negro. Que contraste?

Resava depois muito, impacientemente, cortando a oração de desejos, de pedidos, humilde, toda submissa. Queria-o ver, queria que Deus a tirasse d'alli para fóra.

Depois d'uma pequena pausa, olhou para o seu Deus e viu-o impassivel, quieto, dependurado á cabeceira do leito, no mesmíssimo, como sempre. Descreu então, n'este esforço supremo, n'esta esperança vã.

Para que servia o Deus? Não era para consolar os affictos, não era para secar as lagrimas dos peccadores, para prodigalizar o seu amor e a sua bondade aos infelizes, para semear de rosas o caminho da virtude?

Mas ella, a Rosina, que tanto pedia, que tanto chorava, tão infeliz, tão desgraçada, porque não a ouvia elle? Era preciso realmente ser muito peccadora para ficar a sós com as suas dores e os seus remorsos.

Mas peccar, porque? Por amar? Mas se ella nos seus livros d'orações, nas suas rezas encontrava a cada passo o amor, porque seria peccado amar, amar perdidamente um bello rapaz?

Necessariamente o seu amor era um amor impuro. Fazia esforços para comprehender a razão porque Deus não a ouvia e a castigava.

Impuro o seu amor? Mas ella queria-lhe, adorava-o, ambicionava-lhe todas as suas felicidades, queria só vê-lo, só fallar-lhe, ler as suas boas cartas sinceres, surprender os seus modestos presentes, queria, quando podesse cear com elle, fazer um lar honesto, todo paz, todo aconcho, educar bem os *bébé*s e agora perdida n'aquelle convento frio, a deffinhar-se, a estragar-se, a tornar-se esteril. Que fazia ella alli? No meio de velhas rabujentas e rheumáticas obediencia machinalmente ás orações, mais por habito, que por devoção, para conformar-se.

Abandonada da sociedade e da familia, sentia o tédio e a doença invadirem-lhe o ser. As bellas côres rosadas desapareciam, tornava-se mais pallida, saliencias osseas appareciam já pela cara e pelo corpo. Evidentemente aquillo matava-a.

Que fazer? Escrever á familia, dizer-lhe o que fazia, as suas doenças, a sua morte proxima?

Já o tinha feito e recebera por unica resposta «que se deixasse estar, que estava bem» Isto exasperou-a.

Voltar-se então para Deus?



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — UMA SCENA DO REI DE DUONG, PEÇA REPRESENTADA NO THEATRO ANNAMITA DA ESPLANADA DOS INVALIDOS



ESPECTACULOS PARISIENSES. — NO HIPPODROMO. — O LEÃO, O CAVALLO E O CÃO.

Já o tinha feito todos os dias, mas elle não lhe respondia. Desprezava-n, — pensava.

Rosina estava de joelhos no chão, os braços estendidos sobre a cama, a cabeça escondida. Este turbilhão confuso de ideias atormentava-a, allucinava-a.

« E' o meu castigo! E' o meu castigo! Meu Deus, como sou desgraçada! » — soluçava baixo. Fóra, no corredor, passos arrastados de freiras ouviam-se.

O sino tocou as Ave Marias n'um som lugubre de bronze rachado, la-se para o côro.

Rosina levantou-se rapidamente, olhou em volta da sua pequena cela já envolta na obscuridade, à procura do rosário de pau santo. Tinha os olhos inflammados de chorar.

De fóra vinha dos montes um cheiro agradável a fêno, a herbas aromaticas.

Rosina ficou segundos a contemplar a natureza que se obscurecia já.

Um morcego batia fortemente as suas grandes asas em frente da janella, e ao longo n'um grande socego espiritual que encantava, os excêntricos campos do milho e as scaras coloriam-se levemente da claridade mysteriosa do luar Porto, 1881.

XAVIER PINHEIRO.



ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

N'UM ALBUM

*Mal sabes, nem eu posso descrever-te
Esta minha fatal melancolia.
Não me lembra de ver romper o dia.
Nesta alma é sempre noite, mas do ver-te
Porque será que a mim se me converte
O pranto em riso, a mágoa em alegria?
Não serás tu o sol que me alumia?*

João de Deus.

PRIMAVERA

*A primavera sonora
Montou aos hombros de Abril;
Deixou a neve lá fora
E pôz um cinto de anil.*

*El-la: cavalleja triunfante
O doce Meiz luminoso:
Ri, com dentes de diamante.
Um grande riso glorioso.*

*Faz flegas ao frio. Canta
Como um namorado. E tanta,
Tanta cantiga desfolha,*

*Que fica o chão todo flores,
Todo aroma, todo cores,
Onde a sua voz abrolha!*

Ricife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

METEMPSYCHOSE

*Da morte os mudos páramos entrando,
(Dirija alguém que o meu pensar vertia)
Em que me hei de tornar, não me tornando
Mais a mesma existencia e ao mesmo dia?*

*Seja perola ou musgo, ait miserando!
Arvore seja de espessura fria,
Com tanto que esse olhar que me allumia
Proximo o sinto, a minha dor falando.*

*Seja o ar que ella aspira; eterno a vela
Todo a queimar-me na saudade ardente,
Tendo-a tão longe, seja a luz da estrella!*

*Mas meu desejo, meu maior desejo,
E' ser a agua d'un lago transparente.
Para a sombra beber-lhe beijo a beijo.*

Rio de Janeiro.

ALBERTO DE OLIVEIRA.



A REVISTA DAS REVISTAS

A ELECTRICIDADE

LODGE, a quem se devem os recentes estudos sobre as descargas electricas, publicou uma serie de artigos em que expõe as suas opiniões acerca da electricidade, dando conta no mesmo tempo dos resultados principaes dos ultimos trabalhos que podem tirar algumas duvidas.

Como bem se comprehende, um estudo d'esta ordem é inicado de difficuldades, porque, diga-se o que se disser, a natureza intima da electricidade não está ainda averiguada.

Entre as experiencias que M. Lodge cita a proposito de muitas outras que elle effectou, para derramar alguma luz sobre diferentes pontos obscuros, mencionaremos a seguinte que, embora dubitativa, nos parece ser muito interessante.

Sabe-se que a luz exerce grande influencia na conductibilidade do selenio; pois bem, tractando M. Lodge de experimentar se nos electrolytes se produziria effecto analogo, verificou que um liquido contido em um tubo de ensaio immerso em agua a ferver, conduzia muito melhor a electricidade quando as janellas estavam abertas do que quando estavam fechadas. Observa o auctor todavia que este effecto pode ser devido á acção da luz diffusa, visto como, para obter-o, basta o augmento de 1/10 de grau. Note-se que a absorção da luz natural basta para produzir um augmento de temperatura apreciavel no thermometro, ainda mesmo que este se ache immerso em agua a ferver.

Vale a pena prosseguir n'estas experiencias, porque enfim, podem conduzir a uma solução definitiva da questão.

Não seguiremos o auctor nas suas curiosas investigações; áreamos simplesmente algumas palavras acerca das conclusões a que chegou, se conclusões podemos chamar a um conjunto de factos cujo alcance augmenta de dia para dia. Um livro que tracta de electricidade, diz o auctor, deve principalmente pôr em evidencia os ultimos progressos scientificos e preparar o espirito do leitor para a realisação de novos descobrimentos, que não tardarão a effectuar-se.

Fundando-se em ensaios analogos aos de M. Herz, annuncia M. Lodge que se chegará a provar de modo indiscutivel a relação intima que existe entre a electricidade e a luz.

Conhecem já mais os leitores essas curiosas experiencias para que n'ellas insistamos; limitam-nos portanto a descrever um novo ensaio devido a M. Herz.

Tomando-se um cylindro de latão de 3 u 4 centimetros de diametro e 30 de comprimento proximoamente, dividido em duas partes por um interruptor de faiscas, e fazendo communicar as duas partes com os extremos de uma pequena bobina, cada faisca d'esta ultima faz variar a carga no cylindro cerca de « quinhentos milhoes » de vezes por segundo. Estas oscillações causam uma perturbação do ether equivalente a um rio de luz polarizada verticalmente, pois a amplitude da onda tem proximoamente o duplo do comprimento do cylindro.

As radiações emitidas d'este modo podem ser reflectidas por superficies planas e conductoras, como tambem podem concentrar-se por espelhos parabolicos metallicos. O espelho empregado é um grande cylindro parabolico formado de folhas de zinco, e o appareto oscillatorio está enlilhado ao longo do eixo local.

Com esta disposição pôde observar-se o effecto da onda a certa distancia. O appareto receptor consiste em um conductor symetrico com interruptor das faiscas microscopicas através do qual se observa a faisca induzida. Empregando um segundo espelho identico, para fazer convergir os raios parallellos emitidos pelo primeiro espelho, pôde-se apreciar o effecto á distancia de uns vinte metros.

Se movermos o espelho até formar angulo recto,

o poder convergente para esta especie de radiação deixa de manifestar-se.

Estas radiações propagam-se em linha recta, o que se pôde provar intercalando uma serie de diaphragmas com orificios que se correspondam.

As grades metallicas são transparentes para essas ondas, quando a direcção das travessas é perpendicular ás ondulações electricas; mas as ondas reflectem-se quando se faz girar o systema de 90 graus, do modo que as oscillações se façam na mesma direcção dos fios conductores. Este systema é pois uma especie de analysador que accusa a existencia da luz polarizada. O mesmo receptor obra como tal, porque, se se faz girar demasiado, a perturbação não se verifica.

Os diaphragmas metallicos, embora muito delgados, são opacos para a radiação electrica; mas os diaphragmas de material mau conductor, como madeira secca, pouquissimo interrompem as ondulações.

Notou M. Herz, não sem extranheza, que a porta que separava a sala, onde se achava o mananciaal radiante, da que continha o receptor, podia fechar-se sem intercepção a communicação. As faiscas secundarias appareceram sempre.



NOTAS

Encontramos n'um jornal estrangeiro as seguintes dados curiosissimos sobre as transformações por que tem passado o mappa-mundi desde 1829 até 1878:

Em 1829 foi separada a Grecia da Turquia e constituida a sua independencia pelo tratado de Andrinopoles, que a Europa reconheceu e proclamou em 3 de fevereiro de 1830.

A Moldavia, a Valachia e a Servia constituem-se em principados autonomos debaixo do protectorado da Turquia, cedendo esta á Russia as Bocas do Danubio.

Em 1830 a Belgica separou-se da Hollanda e foi reconhecida independente depois de largas conferencias realizadas em Londres em junho de 1831.

Em 1831 foi suprimido o reino da Polonia.

Em 1834, o principado de Dichtembergh, situado ao N. E. da Bavaria, foi reunido á Russia.

Em 1846, a republica de Cracovia foi incorporada aos estados da Austria.

Em 1848, o principado de Neuchatel, que em 1814 havia sido ligado á corôa da Prussia, como principado vassallo, declarou-se independente e passou a tanto livre da confederação Helvetica. Foi reconhecida a sua independencia pelo rei da Prussia em 1857.

O principado de Hollenzollern-Hechingen, enclavado no reino de Wurttemberg, foi anexado aos estados prussianos, havendo cedido o principe remanente os seus direitos ao rei da Prussia.

Em 1853, as terras de Jude são compradas pela Prussia.

Em 1856, a parte meridional de Bessarabia, que costea o Danubio, é tirada á Russia e dada á Moldavia.

Em 1859, a Lombardia, sem Ma. tua, é abandonada pela Austria á Napoleão III, que por sua vez a cede ao rei da Sardenha.

Em 1860, os ducados de Modena e o gran ducado da Toscana, a Rumania, a Umbria e Marcia, que faziam parte dos estados do Papa, e o reino de Nápoles e Sicilia são annexados ao Piemonte. O condado de Niza e Saboya são cedidos á França pelo Piemonte.

Em 1861, o reino de Italia é constituído pela reunião dos estados antes separados excepto os estados da Igreja, que comprehendem o patrimonio da S. Pedro.

Em 1861, a Valachia e a Moldavia reúnem-se com o nome de Rumania.

Em 1862, o valle de Dappes é dividido entre a França e a Suissa.

Em 1864, as ilhas Jonias, que formavam uma republica sob o protectorado da Inglaterra, são dadas á Grecia.

Em 1865 o reino do Hannover, o ducado de Nassau, o electorado de Hesse, Francfort e alguns territorios da Baviera, Scheswig e Holstein são incorporados na Prussia.

Funda-se a confederação da Alemanha do Norte, Veneza e Mantua são cedidas á Italia.

